

PODER

Bolsonaro terá de fazer exames dentro da PF

Moraes autoriza que equipe médica entre nas instalações da corporação para realizar o procedimento, exigido pelo ministro antes de eventual internação

» FABIO GRECCHI

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), autorizou, ontem, que Jair Bolsonaro realize exames médicos na Superintendência da Polícia Federal (PF), no Distrito Federal, onde está preso. A autorização atende a um pedido apresentado pela defesa do ex-presidente, na quinta-feira, para permitir que o médico Bruno Luís Barbosa Cherulli entre nas dependências da corporação com equipamento portátil de ultrassom realizar exames de ultrassonografia das regiões inguinais (virilhas) direita e esquerda.

Na decisão, Moraes ressaltou que, conforme determinado em decisões anteriores, as visitas dos médicos de Bolsonaro não necessitam de prévia comunicação. Segundo o pedido dos advogados do ex-presidente, “trata-se de procedimento não invasivo, rápido, que não exige sedação ou estrutura hospitalar, podendo ser plenamente realizado in loco, garantindo, assim, que as imagens e laudos correspondentes sejam disponibilizados imediatamente à Polícia Federal para subsidiar a perícia já determinada por vossa excelência”.

De acordo com a defesa de Bolsonaro, a medida era necessária para atualizar os exames do

Reprodução/Redes sociais



Vídeo divulgado pelo filho 02. Bolsonaro fará atualização de exames

ex-presidente. “A medida visa exclusivamente suprir a atualidade dos exames, ponto expressamente destacado no despacho, e facilitar a pronta conclusão da perícia oficial, sem qualquer impacto no fluxo decisório estabelecido”, frsaram os advogados.

Na terça-feira, os advogados de Bolsonaro afirmaram que o ex-presidente apresentou piora no seu estado de saúde e pediram que ele seja levado imediatamente ao Hospital DF Star, em Brasília, para realizar uma cirurgia. O ministro, porém, exigiu que a defesa apresentasse exames que comprovassem a urgência. O material entregue a Moraes era antigo e, portanto, foi negada a internação a menos que nova avaliação fosse realizada.

Na solicitação de internação, os advogados também pediram que Bolsonaro ficasse no hospital o tempo que fosse considerado “necessário” para ter uma boa recuperação. Ao mesmo tempo, o filho 02 do ex-presidente, o vereador carioca Carlos Bolsonaro, postou um vídeo antigo do pai dormindo e, ao mesmo tempo, soluçando. Na legenda, escreveu: “Ele precisa de cuidados especiais 24 horas por dia, e sua condição só piora. Existem episódios muito mais graves do que os que aparecem nesse vídeo, e eles representam risco real e imediato à sua vida”.

GOVERNO

Programa para se aproximar das bases

» FERNANDA STRICKLAND

O Sol Nascente recebeu, ontem, a estreia do programa Governo do Brasil na Rua, iniciativa que leva serviços públicos, atendimentos e orientações diretamente às comunidades. A ação aconteceu em frente à Feira do Produtor da Ceilândia, entre as 9h e as 17h, com acesso livre e sem necessidade de agendamento. A proposta, segundo o governo, é reunir, em um único espaço, atendimentos nas áreas de saúde, educação, cidadania, geração de renda, cultura, empreendedorismo, previdência e bem-estar animal, ampliando o acesso da população a políticas públicas essenciais.

O programa tem como pano de fundo, também, reaproximar o governo de suas bases, com vistas às eleições do próximo ano. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem um desempenho nas urnas

considerado modesto — foi derrotado por Jair Bolsonaro, que buscava a reeleição, com ampla margem no primeiro (36,85% contra 51,65%) e no segundo turno (41,19% contra 58,81%) das eleições para presidente de 2022.

No evento, o ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República, Guilherme Boulos, ressaltou que a iniciativa atende a uma orientação direta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para aproximar os programas sociais da população. Segundo ele, a proposta é levar o governo “onde as pessoas estão”, especialmente em regiões populares e historicamente mais afastadas dos serviços públicos.

“Essa é a primeira edição do Governo do Brasil na Rua. O presidente Lula me pediu para levar os programas sociais do governo para perto do povo. O governo tem que chegar nas pessoas onde elas estão”, afirmou Boulos, ao explicar a escolha

do Sol Nascente e da Ceilândia como ponto de partida da ação.

O ministro destacou que um dos principais objetivos do evento é garantir informação e acesso a direitos que, muitas vezes, não chegam ao conhecimento da população. Como exemplo, citou o programa Reforma Casa Brasil, que oferece crédito de até R\$ 30 mil para melhorias habitacionais. “Muita gente que mora aqui precisa disso e nem sabia que esse programa existia. Hoje, as pessoas estão se inscrevendo”, disse.

Boulos também chamou atenção para o mutirão do INSS, montado no local com atendimento por ordem de chegada. De acordo com ele, a ação busca zerar a fila de perícias médicas na região. “O Ministério da Previdência montou um escritório móvel, os peritos estão atendendo e as pessoas que estavam na fila foram avisadas por WhatsApp para vir hoje (ontem)”, explicou.

Presente à ação, o ministro das Comunicações, Frederico Siqueira,

destacou a importância da Carreta Digital, que integra a programação do Governo do Brasil na Rua. O espaço oferece cursos e atividades voltadas à inclusão digital, como capacitação em informática, manutenção de computadores e celulares, robótica e até PC Gamer.

“A Carreta Digital é mais um programa do Ministério das Comunicações para apoiar a inclusão digital e social no Brasil, dando oportunidade para a população da região”, afirmou o ministro.

A iniciativa reúne 11 ministérios, além de parceiros como Sebrae, Caixa Econômica Federal e Sesi, que também presta atendimentos médicos. Para Boulos, a ação simboliza um modelo de governo mais próximo da realidade da população. “Aqui está o governo do Brasil na rua, atendendo um pedido do presidente Lula: estar perto do povo e nos territórios onde as pessoas vivem”, resumiu.

Reprodução/Instagram MDB-MA



Lula e Janja visitaram Roseana, em tratamento no Sírio-Libanês

que se sentia bem e havia iniciado acompanhamento médico com a equipe do hospital paulistano, reconhecido por ser uma referência nacional em tratamentos de alta complexidade.

Além do diagnóstico recente, Roseana teve que enfrentar o câncer em outra ocasião. Enquanto ainda concorria à reeleição ao governo do Maranhão, em 1998, passou por quatro cirurgias enquanto lutava contra a doença. Entre elas, teve que retirar um nódulo no pulmão e um tumor na mama, além de passar por uma histerectomia e pela remoção de nódulos intestinais. Até 2016, a deputada licenciada foi submetida a 23 cirurgias.

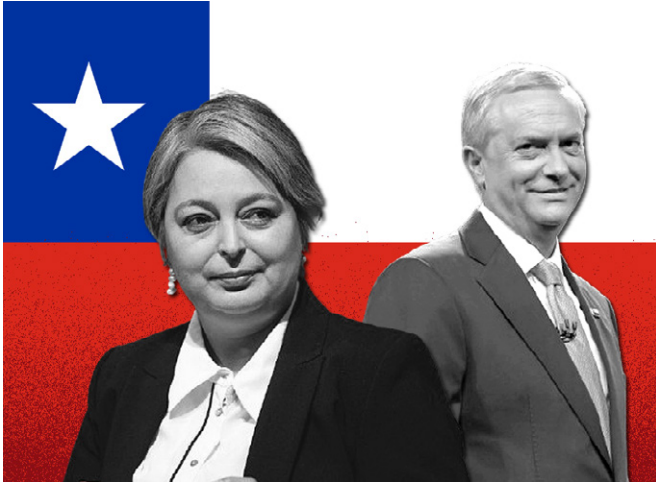
O câncer de mama é a forma mais letal da doença nas mulheres. Uma projeção feita pela Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC), vinculada à Organização Mundial da Saúde (OMS), indica que os casos devem aumentar 38% até 2050 no mundo, atingindo 3,2 milhões de novos diagnósticos por ano. Além disso, as mortes relacionadas à doença podem crescer 68%, chegando a 1,1 milhão anuais.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



O governo Boric, a sucessão chilena e o isolamento de Lula

Os chilenos vão às urnas hoje para escolher seu novo presidente. À noite saberemos quem ganhou as eleições, se Jeannette Jara — militante comunista, representante das esquerdas — ou José Antônio Kast — líder extremista do Partido Republicano, candidato das direitas. O presidente do Chile, Gabriel Boric, encerra um ciclo político no qual governos de centro-esquerda e centro-direita, desde a redemocratização, se alternaram no poder. Nada será como antes no Chile.

O fracasso do governo Boric expressa o esgotamento de um projeto pautado pela promessa de renovação geracional e moral, que se perdeu entre maximalismos identitários, incapacidade de construir maiorias sociais estáveis e uma leitura equivocada das prioridades chilenas após o chamado “estalido social”, que durou de 2019 a 2021. Ao fim de quatro anos, Boric entrega um país mais inseguro, politicamente fragmentado e desconfiado do Estado, sem ter conseguido converter seu capital simbólico renovador em governabilidade efetiva.

A aprovação presidencial oscilou em torno de 30% durante quase todo o mandato, enquanto a rejeição se manteve próxima de 60%. Não era apenas fadiga política, mas frustração social com um governo que prometeu transformações estruturais e entregou conflitos, ambiguidades e uma agenda dissociada das preocupações centrais da população: segurança, migração e custo de vida. A rejeição contundente da proposta de nova Constituição, em setembro de 2022 — 62% contra 38% — foi o ponto de inflexão do ciclo.

Nesse ambiente, a candidatura de Jeannette Jara, apoiada por Boric, já nasceu isolada. Embora tenha se consolidado como figura popular no Ministério do Trabalho e vencido amplamente as primárias da esquerda, pesou sua condição de herdeira direta de um governo impopular. Militante histórica do Partido Comunista, ela jamais conseguiu se desvincular da imagem de continuidade. Resultado: a esquerda chilena chega às urnas com enorme dificuldade de reconquistar as classes populares, que migraram para opções de direita radical ou populistas.

A ascensão de José Antonio Kast ocupa esse vazio. Longe de ser um fenômeno episódico, ele representa a consolidação de uma direita ideológica, disciplinada e conectada internacionalmente. Encarna no Chile uma onda de extrema-direita cada vez mais robusta no mundo. Do apoio explícito ao regime de Augusto Pinochet à liderança do Partido Republicano, Kast ocupava as margens do sistema político chileno. Em 2021, foi derrotado graças à mobilização do voto feminino e jovem. Em 2025, moderou a forma, silenciou sobre temas morais mais explosivos e concentrou o discurso em segurança, crescimento econômico e controle migratório.

Doutrina Monroe

A eventual vitória de Kast insere o Chile no contexto mais amplo de ascensão da direita no Cone Sul. A Argentina de Javier Milei, o Paraguai conservador, a alternância uruguaia e o provável realinhamento chileno desenham um novo cenário político regional, marcado pela crítica ao Estado, pela centralidade da ordem e pela rejeição às agendas progressistas associadas ao identitarismo. E pela promessa de eficiência, autoridade e ruptura com as elites protagonistas da redemocratização desses países.

Esse rearranjo regional faz parte do xadrez geopolítico mundial. A disputa estratégica entre Estados Unidos, China e Rússia reconfigurou as prioridades de Washington para a América Latina. A antiga retórica da promoção da democracia foi substituída por uma lógica mais crua de segurança hemisférica, na qual estabilidade, previsibilidade e alinhamento estratégico se sobrepõem a considerações ideológicas clássicas. Ganha centralidade a nova formulação operacional da Doutrina Monroe, revitalizada pelo nacionalismo trumpista.

A estratégia de Trump, compartilhada pelo establishment republicano, parte do princípio de que a América do Sul voltou a ser um espaço crítico de disputa de poder. O objetivo é conter a expansão da influência chinesa, especialmente em áreas estratégicas como infraestrutura, energia, minerais críticos e telecomunicações, e bloquear a presença russa, associada a cooperação militar, desinformação e apoio a regimes autoritários.

A crise venezuelana ocupa papel central nesse tabuleiro. Para Washington, o colapso do regime de Nicolás Maduro funciona como um alerta e como justificativa para uma política mais dura no continente. A Venezuela é vista como plataforma de projeção de interesses russos, chineses e iranianos na América do Sul. Líderes como Milei, Nayib Bukele e, potencialmente, Kast se tornam parceiros da estratégia trumpista.

O Brasil, sob o governo Lula, encontra-se relativamente isolado nesse cenário. A política externa do presidente, baseada na autonomia estratégica, no fortalecimento do Sul Global e no diálogo com China e Rússia, contrasta com o novo eixo conservador do Cone Sul e com a agenda de Washington. Além disso, a postura brasileira diante da Venezuela — cautelosa, ambígua e diplomática — reforça a percepção de desalinhamento em um momento de endurecimento geopolítico.

O fracasso do governo Boric simboliza o esgotamento de um ciclo da esquerda latino-americana, que não traduziu vitória eleitoral em hegemonia social, subestimou a centralidade da segurança e foi atropelada pela mudança profunda no contexto geopolítico global, no qual o Cone Sul se realinha à nova Doutrina Monroe e à estratégia trumpista de contenção da China e da Rússia. Com menor capacidade de projeção de poder regional, o Brasil está sendo isolado.